

Possibilidades da Maquiagem Teatral em Diálogo com as Mídias Sociais Contemporâneas

Palavras-Chave: MAQUIAGEM ARTÍSTICA, MÍDIAS SOCIAIS, FORMAÇÃO DE ATORES DA CENA

Autores(as):

HELENA CHISTE VELLOSA, DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS - UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). ERIKA SCHWARZ (orientadora), DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

As atividades da pesquisa *Possibilidades da Maquiagem Teatral em Diálogo com as Mídias Sociais Contemporâneas*, com recorte no universo da maquiagem artística e no espaço que ela ocupa atualmente nas mídias sociais de vídeos curtos, circunscrevem um estudo teórico-prático sobre materiais e procedimentos relacionados à maquiagem em meio digital. Nesse sentido, a investigação bibliográfica do tema se entrecruzou com uma investigação prática e experimental das possibilidades emergentes da maquiagem no cenário contemporâneo virtual, resultando na criação do grupo de estudos “LabMake” e na conta de instagram documental “@labmakeunicamp”. Nesta plataforma, resultado artístico da pesquisa, estão compartilhados registros dos encontros do grupo de estudos, experimentos gravados e, ainda, reflexões a respeito das descobertas feitas em cada tópico abordado.

METODOLOGIA:

A metodologia de pesquisa partiu do estudo bibliográfico (no primeiro semestre), relacionando-o com experimentações práticas em um grupo de estudos composto por três integrantes (no segundo semestre). Assim, foi realizada na primeira etapa da pesquisa uma seleção de textos que apresentassem o assunto da maquiagem em um prisma geral, com os trabalhos publicados em português pela Professora Doutora Mônica Magalhães (UNIRIO) compondo o eixo referencial teórico principal. Dessa forma, a leitura e fichamento desses materiais foram essenciais para o aprofundamento do conceito de maquiagem, sua função artística e cênica e para o posterior encaminhamento da etapa prática, com exploração da maquiagem já direcionada para o recorte das mídias sociais.

Vale ressaltar que durante o estudo da bibliografia selecionada estive paralelamente participando do processo de montagem da peça *Auto da Compadecida*, projeto integrado cênico vinculado a uma disciplina já prevista na minha grade curricular. Nesta montagem, fiquei responsável pela concepção das maquiagens de cada personagem juntamente com um colega. E

essa experiência teceu um paralelo interessante com as leituras que eu estava realizando naquele momento, me possibilitando uma percepção prática de toda a teoria que estava sendo estudada, além da oportunidade de participar de um desenvolvimento criativo.

O grupo prático de pesquisa em maquiagem e experimentações de recursos digitais se iniciou no 1º semestre de 2024, com encontros semanais no Departamento de Artes Cênicas. Para criar o cronograma do laboratório, me baseei no livro *Stage Makeup* de Richard Corson, bibliografia referência dentro do universo da maquiagem internacional, quando se trata de técnicas e abordagens criativas teatrais. O livro dispõe de descrição de técnicas, imagens de referência, teorias e sugestões de exercícios para serem realizados em aula. Tudo foi aproveitado durante nossos encontros e colocado em prática para, ao final de cada encontro, resultar em um produto criativo em vídeo. Além dos registros visuais feitos em foto e vídeo, também construí um diário de bordo onde registrei anotações a respeito de percepções, reflexões, conclusões e resultados.

Nessas investigações, utilizamos materiais pessoais que já dispúnhamos, como bases, corretivos, tintas coloridas à base de óleo, glitter e sombras. Somente em alguns encontros pontuais, com temas um pouco mais específicos, realizei a compra de alguns materiais diferenciados, como espátula e paleta de metal para o estudo da colorimetria, cola bastão escolar para o tema *drag* e papel vegetal para a confecção de *facesharts*.

Além dos encontros em grupo, no mesmo semestre, dei continuidade à pesquisa entrevistando a Professora Doutora Mônica Magalhães de forma remota via “Meets”. Escrevi um questionário que foi enviado a ela previamente, com cinco perguntas a respeito da maquiagem e seu impacto através do papel que vem ocupando nas mídias sociais. Depois, em chamada, conversamos percorrendo as perguntas e transpondo os assuntos em uma discussão orgânica. Essa conversa foi gravada e transcrita com a autorização da Professora para uma possível publicação futura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao todo, trabalhamos cinco capítulos do livro de Corson, passando pelos assuntos mais básicos da maquiagem para palco. Produzimos vídeos criativos com transições videográficas, que são a marca desse tipo de linguagem dos “challenges” e “trends” digitais. Estes estão sendo postados junto com algumas reflexões e anotações dos resultados retirados do diário de bordo, e estão disponíveis para todos no “feed” do Instagram do LabMake.

O grupo, além de ter criado um nome, ganhou também logo, concebido pela colega artista visual e também maquiadora Caos Haru. O nome surgiu fazendo uma alusão ao LabMater - Laboratório de Linguagens Materiais e Oficinas da Cena do Departamento de Artes Cênicas.

Ao longo dos encontros, percebemos as dificuldades que surgiram acerca da gravação dos vídeos e da relação com a câmera. Foi um desafio para todos nós, que temos uma formação de atores e atrizes de teatro, entender que artifícios usar para gerar os efeitos que buscávamos dentro de um enquadramento.



Figura 1 - Logo do grupo feito por Caos Haru (@caos_haru)

Demandaram alguns dias de experimentações para encontrarmos a medida exata de gestos e de caricatura necessária para a performance gravada ficar interessante. Algumas movimentações que fazem sentido em uma encenação teatral transbordavam o limite do quadro, perdendo coerência e distorcendo o efeito desejado. As transições foram também um desafio. Deixamos de gravar instintivamente e passamos a fazer um planejamento prévio, não necessariamente roteirizado, mas pelo menos com as transições já preestabelecidas, para não descartarmos *takes* impossíveis de serem retomados por conta de um erro de continuidade das transições.

Por fim, nos últimos encontros, observei em todos nós uma naturalidade e desenvoltura melhor ao performar para a câmera. Acredito que essa confiança foi sendo desenvolvida ao longo das semanas que nos encontrávamos e com a experiência que adquirimos. Dito isso, mesmo não sendo estudantes de audiovisual ou mídias, foi possível extrair algum aprendizado a respeito desse campo através do laboratório.

A entrevista feita com Mônica Magalhães também foi tópico para um dia de encontro do grupo. Todos os participantes do laboratório puderam assistir à gravação e, ao final dela, conversamos e discutimos sobre os assuntos mencionados. A professora contou um pouco da sua trajetória com a maquiagem, tanto como profissional da área quanto como professora de universidade e pesquisadora. Fiz perguntas a ela mais direcionadas ao contexto digital e ela deu seu ponto de vista a respeito dos “challenges” e outros tipos de vídeos de maquiagem encontrados na internet. Para Mônica, o fácil acesso a esse tipo de conteúdo democratiza alguns conhecimentos em maquiagem, atraindo mais pessoas para a profissão de maquiador(a). Ao mesmo tempo, isto pode ser perigoso porque a linguagem do vídeo que é gravado em casa abre margem para a utilização de muitos materiais caseiros e improvisados, que podem ser perigosos para a saúde. Muitos dos alunos dela começaram assistindo vídeos na internet e posteriormente buscaram uma profissionalização, por isso é possível observar um movimento comum das pessoas que trabalham com maquiagem hoje em dia: elas têm o interesse em maquiar despertado ao consumir esse tipo de conteúdo e iniciam seus estudos de forma informal na internet.

O digital também adentra a área de outras formas, como com os trabalhos de efeitos de caracterização computadorizados feitos no cinema e em demais trabalhos audiovisuais. Mônica conta que muitos estúdios de próteses tem fechado devido à desintensificação da procura, e que muitos artistas acreditam que esse seja um mercado fadado à extinção. Apesar disso, também é possível encontrar melhorias na área graças aos avanços tecnológicos, como por exemplo a impressora 3D, que é capaz de imprimir moldes e próteses não flexíveis com mais agilidade e menor uso de materiais, diminuindo, assim, o descarte de resíduos e consequentemente produzindo menos lixo. A própria professora é um exemplo de profissional que já busca se adaptar às tecnologias digitais para atualizar sua forma de trabalho.

CONCLUSÕES:

Foi possível observar durante o processo de investigação teórico-prática as necessidades midiáticas necessárias para a produção de um bom vídeo de maquiagem. As transições precisam ser roteirizadas, o cenário deve favorecer a maquiagem e ter boa iluminação, as ações dos atores também devem ser pensadas previamente e existe ainda uma pré-produção para seleção de adereços e escolha da música que será utilizada para a "trend" – muitas especificidades que vão além da maquiagem, como Mônica Magalhães também pontuou durante a sua entrevista.

Da parte da maquiagem em si os cuidados são com detalhes e efeitos de ilusão de ótica que demandam de muita técnica, habilidade e paciência para serem executados. No mais, a maquiagem para vídeos rápidos não precisa ser durável nem resiste como uma maquiagem para palco. Alguns acabamentos podem ser deixados de lado se não forem visíveis no enquadramento da câmera, e os materiais que podem ser utilizados são diversos e podem ser alternativos, tomando sempre cuidado com produtos que podem ser tóxicos para a pele.

Neste tipo de linguagem, o que importa é o bom registro do trabalho, muito semelhante ao que acontece com o *body painting*, que é um trabalho feito por horas a fio para ser registrado com um clique e se tornar eterno através da fotografia, ou mesmo através de vídeo também, como opta o artista Johannes Stotter.

Além disso, concluímos também que Corson em seu livro não alcança debates atuais, indicando uma necessidade de revisão e atualização dos materiais da área. Entendemos juntos, durante os encontros, o poder da maquiagem através da transformação que ela proporciona, podendo inclusive contribuir de forma negativa para o fortalecimento de estereótipos e a exclusão de minorias dentro da arte, onde historicamente foi um espaço dominado por pessoas brancas. Por isso, esse tipo de transformação, seja de gênero ou de etnia, deve sempre ser realizada com responsabilidade e propósito artístico bem definido.

Hoje, o LabMake se encontra no Instagram e as postagens podem ser acompanhadas pelo público diverso, uma vez que a conta é aberta para todos. Lá também é possível interagir com as postagens, fazer perguntas e ler mais impressões sobre cada encontro. Entender a plataforma que seria o veículo para a documentação dessas produções foi essencial, e o desígnio é que o grupo permaneça existindo, independente desta pesquisa, e ganhe seu espaço dentro do Departamento para novas experimentações.

BIBLIOGRAFIA:

MAGALHÃES, Mônica. **CARACTERIZAÇÃO CÊNICA: Análise da formação e de processos criativos de maquiadores profissionais que trabalham com as Artes Cênicas.** Vol. 10, São Paulo: Revista Aspas, ppgac USP, 2021.

_____. **Caracterização: Do Ensino à Prática.** Rio de Janeiro, Unirio, ABRACE, 2006.

UBERSFELD, Anne. **Para Ler o Teatro.** São Paulo, Perspectiva, 2005. (p.8 - 18)

MAGALHÃES, Mônica. **Corpos cenográficos: caminhos da maquiagem cênica na contemporaneidade.** Rio de Janeiro: Unirio, 2018.

_____. **DE TELA EM TELA: Processo criativo da série de interferências visuais “O importante é o que interessa”.** Rio de Janeiro: Unirio, 2021.

_____. **MAQUIAGEM E PINTURA CORPORAL: uma análise semiótica.** Tese apresentada para obtenção do título de doutora. Niterói: UFF, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo.** Tese apresentada para obtenção do título de doutora. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

MAGALHÃES, Mônica. **Processos e procedimentos criativos para a produção de espessuras corporais.** Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CORSON, Richard. **Stage Makeup.** Prentice Hall, Eight Edition, 1970.